

Déficit externo é de 4,48% do PIB

UGO BRAGA

BRASÍLIA – O Brasil fechou o ano de 1998 com um déficit de US\$ 34,94 bilhões em suas transações correntes com o exterior – contas de comércio, serviço e juros. O buraco, que equivale a 4,48% do Produto Interno Bruto (PIB), é o pior resultado desde o lançamento do Plano Real, em 1994. No ano anterior, o déficit externo havia fechado em 4,16% do PIB.

Só com serviços (pagamento de fretes aos navios estrangeiros; aluguel de máquinas, remessa de lucros pelas multinacionais, despesas com cartão de crédito internacional), o país gastou US\$ 30,39 bilhões líquidos. A balança comercial deficitária aumentou os gastos, com importações maiores do que exportações em US\$ 6,43 bilhões.

Os números do balanço de pagamentos, divulgados ontem pelo Banco Central, deixam claro que a inflexibilidade da política cambial vinha agravando a situação das contas externas. Apesar de uma melhora de quase 30% no déficit comercial em relação ao ano anterior – fruto da queda de atividade por conta dos juros altos –, a conta de serviços saiu 11% mais cara.

Um dos fatores preponderantes para o crescimento dos gastos com serviços foram justamente as remessas de lucros e dividendos pelas empresas. Essa despesa aumentou US\$ 1,2 bilhão líquido. Só perdeu para os gastos com juros da dívida externa, que subiram US\$ 1,7 bilhão entre 97 e 98. “Isso (a elevação da conta de juros) é decorrente da perda de reservas cambiais no ano passado”, explica o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes.

Tanto o adiantamento das remessas de lucros ao exterior quanto a perda de reservas derivaram do temor dos investidores de que o governo não conseguiria manter o valor da moeda e, mais cedo ou mais

tarde, teria que permitir uma desvalorização brusca do real. Como se viu depois, eles estavam certos.

FMI – A manutenção de um déficit em conta corrente alto e crescente, como o que o Brasil acumulou até dezembro passado, é um dos motivos dos juros altos que vinham enforcando a economia do país. Pela necessidade de financiar o rombo externo – cuja conta é paga em dólar –, as taxas de juros eram mantidas nas alturas. Serviam de isca para atrair os investidores globais.

A partir da liberação do câmbio, na semana passada, a expectativa é de que as exportações brasileiras ganhem competitividade, reduzindo significativamente o déficit nas transações correntes. “O impacto na balança comercial vai ser imediato”, acredita Luciana Fagundes, economista do Lloyds Bank. Para ela, há inclusive a possibilidade de o país registrar superávit no comércio exterior ao final do ano.

Na mesma linha, Altamir Lopes diz que o déficit em transações correntes deve mesmo fechar o ano em torno de 3,5% do PIB. O percentual foi citado por constar da carta de intenções firmada no acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). A melhora também vai acontecer por uma diminuição nas despesas com viagens internacionais. A alta do dólar está desestimulando as férias no exterior, e a expectativa é que os gastos fiquem bem abaixo dos US\$ 400 milhões em média registrados no ano passado.

Uma das poucas notícias boas divulgadas pelo Banco Central foi sobre o volume de investimentos diretos registrados no ano passado. Exatos US\$ 26,1 bilhões foram aplicados no sistema produtivo. Desse, somente 21,3% foram aplicados no programa de privatização. “Para este ano, esperamos acumular cerca de US\$ 18 bilhões em investimentos diretos”, estima Altamir Lopes.